

GUAICURUS
2



GUAICURUS 2

/



Fusilamiento

A las 6:00am octubre 1982 en la plaza pública fueron fusilados dos autoridades comunales inculcados por una serie de falsas acusaciones, foraneos del grupo onqoy (terroristas) obligaron a presenciar a sus hijos, familiares y a la comunidad. Familiares aterrorizados desenserrados lloran, la comunidad creyeron que ha llegado la hora del fin del mundo.

Este hecho fratruicidas generó caos en la comunidad algunos huyeron a la ciudad, otros se suicidaron y otros se internaron en los montes, quebradas inaccesibles a vivir escondidos como topes.

Primitivo Carama Poma.

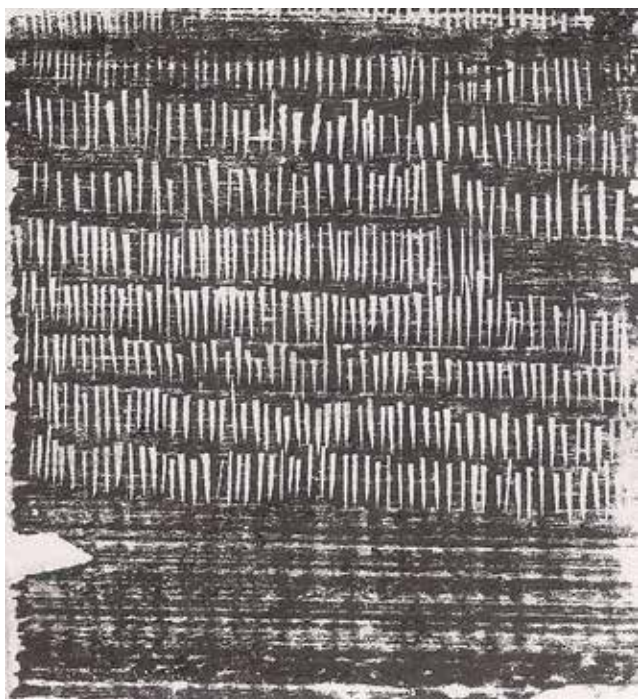


/nesta edição

- g** entrevista - lúcia castelo branco / *festival de verão*.
- i** corredor cultural praça da estação.
- j** a arte do grafite e a restauração do centro cultural.
- k** ¡mira! - artes visuais contemporâneas dos povos indígenas.
- t** música de invenção, experimental e improvisada.
- u** cena aberta.
- v** dobra guaicurus.

detalhe / Fusilamiento
Primitivo Evanán

foto: Fernando Ancil



CCULT ENTRE VISTA

Lúcia Castelo Branco / Festival de Verão

Escritora e Professora Titular em Estudos Literários, na Faculdade de Letras da UFMG e coordenadora do Festival de Verão.

■ o histórico de festival / a ideia para o tema deste ano - “Vadiar é preciso, o resto é improvisado” / o processo de escolha das oficinas, mostras e eventos que compuseram o festival / porque realizar o festival no ccult /

Lúcia Castello Branco: quando eu fui chamada pra coordenar o festival foi no ano de 2012; o festival já estava na sua 6ª edição. A ideia no princípio foi de produzir alguma coisa, alguma alternativa, nesse momento aqui em BH (carnaval de BH), de lazer e de cultura pra cidade nessa época do ano. Então, por isso que ele foi pensado assim: no carnaval.

E funcionava com seminários, concursos, com oficinas... Quando eu assumi, em 2012, o cenário da cidade já era diferente... Então, a primeira coisa que eu pensei quando eu assumi essa coordenação foi que o Festival de Verão era uma alternativa pra quem não gosta de carnaval, mas que devia ser uma alternativa pra quem gosta de carnaval também, ou seja, não faz sentido a universidade promover uma coisa nessa época do ano, esquecendo que está acontecendo o carnaval; e que o carnaval está cada vez mais interessante. Então, eu acho que seria legal casar as duas coisas... O festival de verão abrange todas as áreas da UFMG, o que já traz uma ideia de deslocamento da arte. A arte não está só com os artistas. A arte está com os cientistas, com os sociólogos... Está aí, nas ruas. Então, a gente pensou numa opção que fosse menos acadêmica. Então não teve curso, seminário, teve só oficina. A ideia era de a oficina entrar no espírito do carnaval, da criação. Então, até a 5ª edição do festival, o tema sempre foi “O Sentido do Conhecimento”. O primeiro tema, proposto em 2012, e que a gente vem mudando ano a ano – no sentido de radicalizar a proposta do primeiro ano (O Sentido do Conhecimento), foi “A Folia da Poesia”. Pelo meu conhecimento, o festival, na sua origem, começa na faculdade de arquitetura, depois ele foi para o campus – ainda com algumas coisas na faculdade de arquitetura. No ano em que eu assumi a coordenação, o festival foi realizado integralmente dentro do campus (na FACE). Foi uma experiência legal, mas não integrou – como nós havíamos imaginado – as áreas. Então, a ideia de levar o evento para o centro cultural UFMG foi para promover uma maior integração. Pensando que o circuito Praça da Estação está passando por uma revitalização e que o carnaval acontece muito nessa região – a ideia de integrar cada vez mais o carnaval às oficinas – a gente

lançou um tema que a era ideia do improviso. E principalmente, o que nos fez ocupar esse espaço (CCULT) foi a ideia de trabalhar de maneira mais integrada – as oficinas podiam sair do espaço do centro cultural e ir lá pra fora para o carnaval, voltar... A gente sabia que era arriscado por causa do barulho de shows e de outras coisas que estariam acontecendo, mas a gente apostou nisso, e, principalmente, pelo fato de o projeto do Festival de Verão ser encampado como um dos projetos do Centro Cultural. O festival passou a ser um projeto do CCULT.

■ a participação do público – comunidade universitária e espectadores fora da universidade/

Nas oficinas vem gente de toda parte da cidade. Tem gente que já é público do Festival de Verão. Eu acho que cada vez mais essa divulgação tem que acontecer. Leva anos mesmo. Tem a ver com divulgação, mas tem a ver também com cada vez mais oferecer coisas que as pessoas se sintam convidadas a participar. Eu acho que a universidade tem que abrir o leque. Os festivais deveriam ter mais esse compromisso de divulgar os artistas locais.

■ Opinião a respeito do CCULT/

Eu percebo que o centro cultural ainda não é tão integrado com a cidade. Quando eu pego um táxi e falo: Centro Cultural da UFMG, ninguém sabe onde fica. O CCULT andou sofrendo um desligamento... Desde a gestão da Sônia Queiroz, anterior a da Inês, eu localizo aí, uma mudança muito grande aqui. O Centro Cultural se fez enxergar mais. Eu acho que ele está cada vez mais integrado. Uma das coisas que eu acho que é difícil é essa coisa de estar fora do campus. Mas eu acho também que a gente tem que aprender a se deslocar. O pensamento tem que se deslocar também! Essa ideia de extensão, da gente ter contato com a rua... Eu acho que o CCULT tem um perfil mais dessa arte popular. E é interessante ter projetos que tragam o povo aqui pra dentro; eu acho que a universidade tem esse compromisso de se integrar à população. É um jeito de a universidade acompanhar o movimento da cidade.

■ um balanço do festival /

Nós fizemos uma reunião de avaliação, que a gente não teve críticas. A gente apostou na ideia de radicalizar no tema, nessa ideia do incomum. Nós gostamos muito da experiência de realizar o festival aqui. Para nós foi muito bom: deu mais público, funcionou até o final.

“/ A gente trabalhou com a questão do improviso e dos restos, da sustentabilidade /”

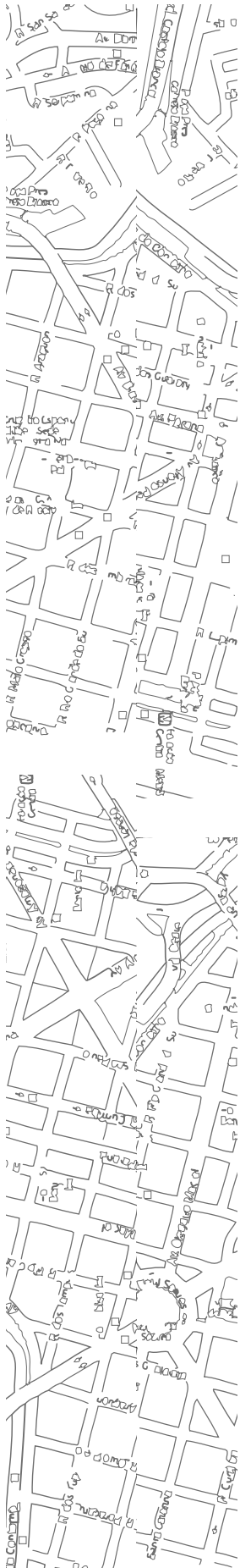
O festival de verão foi desenvolvido como uma alternativa de lazer para as pessoas que ficam em Belo Horizonte no período de carnaval. Até sua 5ª edição possuía um tema fixo – de caráter mais acadêmico –, intitulado “O Sentido do Conhecimento”. Com Lúcia Castello Branco assumindo a coordenação o evento ressurgiu com uma nova proposta. Em suas 6ª e 7ª edições, experimentação, temas diferentes a cada ano e vivências culturais no espaço urbano da capital mineira – extrapolando os portões da universidade – o Festival de Verão vem firmando sua identidade e se consolidando como evento cultural.



O CORREDOR CULTURAL PRAÇA DA ESTAÇÃO

A Fundação Municipal de Cultura, junto à Ministra da Cultura Marta Suplicy, conseguiu, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), uma verba no valor de 21,8 milhões de reais para restauro da área central de Belo Horizonte. A partir disso, a Fundação Municipal de Cultural (FMC) propôs um projeto de um Corredor Cultural que abrange a área da Praça da Estação, compreendendo principalmente o viaduto Santa Tereza, que liga a região central da cidade a diversos bairros. Há ainda propostas para a Rua Sapucaí e outros locais da capital mineira, com áreas para esporte, lazer e agitação cultural. O projeto ainda não foi definido. No entanto, há propostas dadas por moradores de Belo Horizonte: sociedade civil, representantes de espaços culturais, pastoral de rua, movimentos sociais e pela FMC, representante cultural da cidade. Desde o mês de abril, vêm acontecendo reuniões visando à elaboração de um projeto de lei para solidificação do Corredor Cultural Praça da Estação. Durante as reuniões, foram levantados tópicos para discutir as necessidades da população: apoio aos moradores de rua, o fim da cerca na praça da estação durante eventos, banheiros fixos para o duelo de MC's, uma área com pista para skate e patins, uma quadra pública para a prática de esportes, ciclovias para a mobilidade urbana, calçadas e mobiliários acessíveis e maior apoio às várias manifestações artístico-culturais que acontecem na região.

Com intenção de consolidar essa discussão, foi formada uma comissão de vários representantes com suas respectivas reivindicações. Entre os meses de maio e junho, ocorreram reuniões com apresentação de propostas por parte dos participantes do projeto, acrescidas de debates para maior consenso e abrangência das necessidades da população. O teor de participação popular torna-se indispensável, visto que se trata de uma área tão valiosa para a memória de Belo Horizonte. Com o propósito de erradicar o entrave da população em relação ao acesso à cultura, esporte e lazer, uma comissão da sociedade civil foi organizada com a finalidade de acompanhar os processos de criação do projeto e de ser interlocutora da população belorizontina. O corredor cultural Praça da Estação é um espaço vivo e rico culturalmente. Estão presentes no espaço atual edifícios históricos, comércio variado, museus e centros de cultura, conforme mapeamento feito pelo Grupo Movimentos (Camila Bastos, Nattyelle Laura e Flora Rajão), resultado de uma matéria lecionada pela Prof.^a Dr.^a Natacha Rena, da Escola de Arquitetura da UFMG. Além de tudo, o Corredor Cultural Praça da Estação visará abranger outros espaços e eventos que já acontecem no centro de Belo Horizonte: Conexão e Noite Branca (Parque Municipal); Duelo de MC's (Viaduto Santa Tereza); Samba da Meia Noite (rua Aarão Reis); Sarau Vira-lata (Itinerante em praças da cidade), dentre outros.





A ARTE DO GRAFITE E A RESTAURAÇÃO DO CENTRO CULTURAL UFMG

O período de restauração do Centro Cultural UFMG provocou grande interferência no edifício histórico da Praça da Estação, datado de 1906. O prédio foi cercado por tapumes e redes, e, como em toda revitalização, ele passou por um transtorno, o que poderia afastá-lo de seu público. Apesar de ter suas atividades reduzidas, o elo entre o CCult UFMG e a cidade permaneceu vivo, e a exposição de grafites Arte num Centro Aberto trouxe de volta arte, cores e vida ao edifício. Esse trabalho pode ser conferido em fotos no site do Centro Cultural UFMG. Os responsáveis por essa transfiguração, cuja oficina aconteceu no dia 11 de maio de 2013, foram os artistas André Cidadão Comum, Benet Castro, Emanuel Mosh, Guilherme Bitá, Marcio Surto, Maria Raquel Bolinho, Mateus Aminadab

e Rafael Small. Cada um com seu estilo, cada cidadão com sua particularidade, no centro de uma cidade em que nós podemos fazer arte! A ideia surgiu durante uma pausa no trabalho – o sagrado ócio criativo – dos estagiários do Centro Cultural UFMG. Entre um gole e outro de café foi proposta a intervenção, que contou com a aprovação da direção da casa e com o patrocínio da empresa responsável pela referida obra de restauração, a Restaurare Construtora. Os estagiários agradecem à direção e à equipe do Centro Cultural pelo incentivo, à construtora pelo suporte financeiro e aos artistas pela disposição!

coordenação
Allysson Gudu e Paola Braga

A NOVA ARTE



INDÍGENA

Exposição ;Mira! do Centro Cultural UFMG revela a arte contemporânea indígena da América do Sul.



Pinturas, desenhos, cerâmicas, esculturas, vídeos e fotografias foram expostos de junho a agosto, no Centro Cultural e também na fachada digital do prédio do Espaço TIM UFMG do conhecimento. Além da exposição, foi realizado um seminário sobre as artes visuais contemporâneas e a inserção dos povos indígenas em seu cenário. Um inédito fórum de artistas da América do Sul, que tem sua continuidade em um blog (<http://projetomira.wordpress.com>), fruto desse encontro e da colaboração de artistas, pesquisadores, curadores, professores e estudantes envolvidos. A proposta do Centro Cultural é trazer ao público as novas estéticas dos povos ameríndios, em que os autores produzem arte aliando saber tradicional às modernas tecnologias. A exposição ¡MIRA! – Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas revelou ao público belorizontino, cerca de 7.000 visitantes, a riqueza da cultura dos povos indígenas, proporcionando aos estudantes e professores de diversas escolas de Belo Horizonte e da região metropolitana, tanto públicas quanto privadas, uma vivência única no universo da arte desses povos. “As artes visuais que alguns indígenas estão fazendo, expondo e vendendo, entram em nosso mercado, na cidade grande, como objetos e signos de outras realidades, outras culturas”, explica Maria Inês de Almeida, curadora e coordenadora da exposição. “O que difere suas peças dos objetos e signos tradicionais, frutos da cultura oral, são a tensão e a perturbação, algo que um indivíduo é capaz de expressar quando vê o mundo de longe”, completa a diretora do Centro Cultural e coordenadora do núcleo transdisciplinar de pesquisas Literaterras. Desde 1996, o Literaterras edita material didático de autoria indígena para as escolas das comunidades do Brasil. Já foram publicados mais de 60 títulos, entre livros, filmes e discos. “Com a circulação de nossas publicações e pesquisas, tivemos a oportunidade de conhecer artistas que já lograram expor suas obras e que estão se tornando expoentes das artes visuais entre seus povos e em seus países”, explica Maria Inês, sobre como surgiu a ideia da exposição. Para a realização do projeto ¡Mira! , os pesquisadores ligados a este núcleo visitaram várias regiões da Colômbia, Brasil, Peru, Equador e Bolívia em busca dos artistas, para que inscrevessem e disponibilizarem suas obras. Foram inscritas mais de 300 obras, de 75 artistas, de 30 etnias diferentes. Depois, um conselho curador, composto por especialistas em artes visuais, escolheu as 125 obras que participaram efetivamente da mostra. Entre as selecionadas, estão as pinturas dos brasileiros Arisana Pataxó, Jaider Esbell Makuxi, Kátia Husharu Kaxinawa, e Moisés Ashaninka, e os desenhos do grupo MAHKU – Movimento dos Artistas Huni Kuin, dirigido por Ibã Kaxinawa, que participaram da exposição Histoires de Voir, da Fundação Cartier para a arte contemporânea, em Paris.

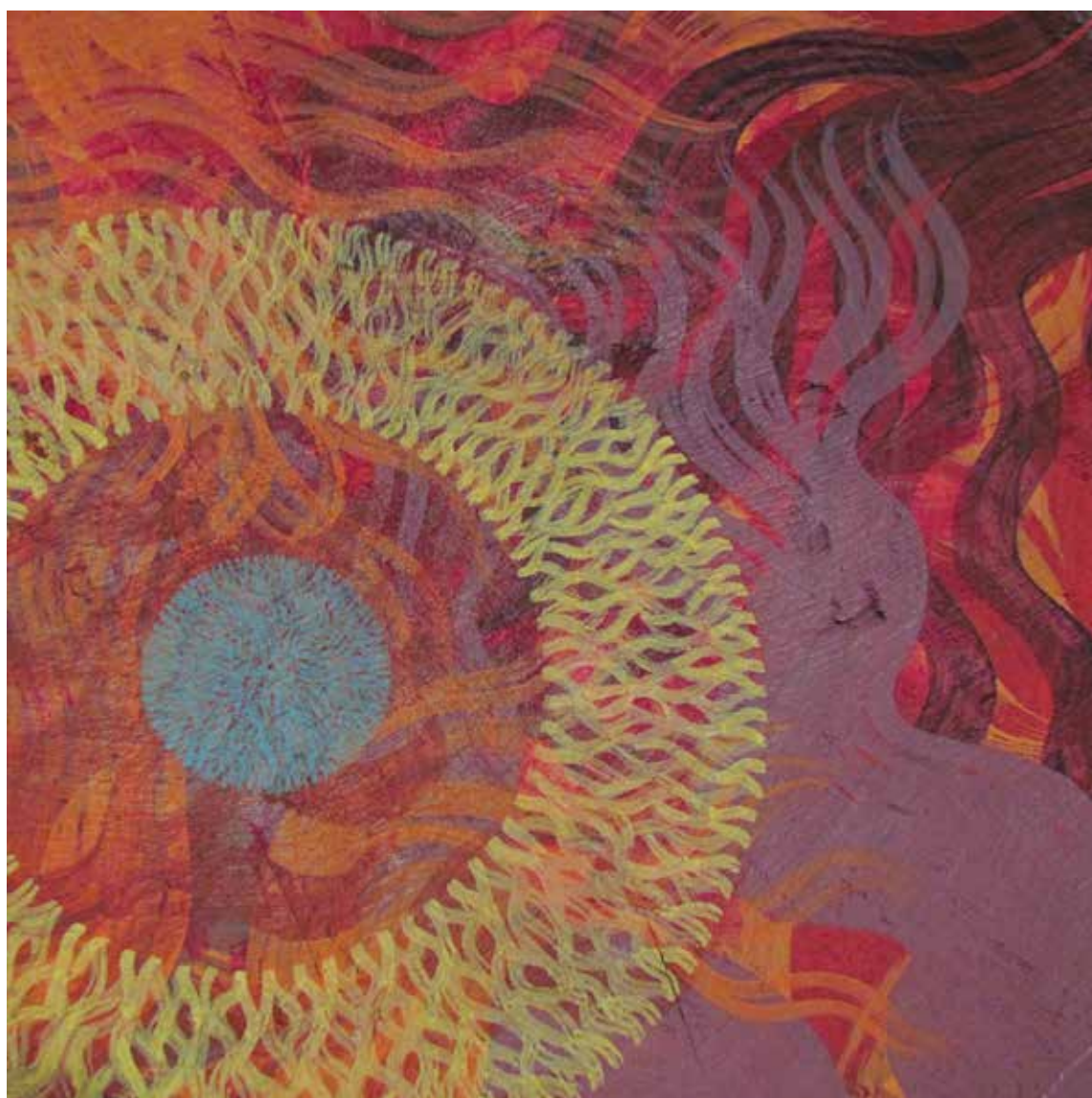
Flávio Ochoa - Ateliê Aberto de escultura em pedra.
Seminário ¡Mira!



Seminário ¡Mira!
Dennis Huanka

Entre os artistas peruanos, merecem destaque o pintor Brus Rubio Churay, da etnia Bora-Huitoto, que, no ano passado, apresentou uma exposição individual em Paris, chamada La Forêt Invisible (A Floresta Invisível), e o escritor e pintor ashaninka Enrique Casanto, que também tem se destacado em galerias renomadas, como a Fractal Dragon Art Gallery, de Cusco. Santiago e Rember Yahuarcani, pai e filho artistas da etnia huitoto, são expoentes em espaços importantes das artes peruanas, como o Centro Cultural Inka Garcilaso de la Veja, em Lima. Outros artistas com trajetória internacional são os colombianos Benjamin Jcanamijoy, do povo Inga, que já expôs suas pinturas em Nova Iorque, e Nancy Ramirez, do povo Coyaimam, que trabalha com arte digital e fotografia, e fez exposições na França, Itália e Costa Rica. Somam-se a eles dois artistas bolivianos premiados, o escultor Flávio Ochoa e a pintora Rosmery Mamani. Com a sua itinerância, apoiada pelo Ministério das Re-

lações Exteriores do Brasil e pela Diretoria de Relações Internacionais da UFMG, na busca pelo diálogo intercultural, e por meio de múltiplas linguagens, a exposição ;Mira! pretende promover o intercâmbio entre as novas experiências artísticas desenvolvidas pelos povos indígenas da América do Sul. É também a oportunidade do público conhecer o pensamento e a perspectiva indígenas em meio às artes visuais contemporâneas.



Benjamin
Jcanamijoy
detalhe do trabalho *Pensador de cores*
Acrílica sobre madeira



Nestor Jacanamijoy - Sacrificio del Gallo 2 - acrílica sobre tela

Yube nawa aĩbu, e e e e, e e e e
Yube nawa aĩbu, e e e e, e e e e
Hushu buru namaki, e e e e, e e e e
Pai inakawãtã, e e e e, e e e e
Pae hu amaná, e e e e, e e e e
Xinã mētsi sipatã, e e e e, e e e e
Mia hu ashuã, e e e e, e e e e
Tua ibira naitũ, e e e e, e e e e
Tawa pei irakã, e e e e, e e e e
Pae ibira naitũ, e e e e, e e e e
Sha ibira naitũ, e e e e, e e e e
Yube nawa aĩbu, e e e e, e e e e
Mia hu ashuã, e e e e, e e e e
Pae hu ashuã, e e e e, e e e e
Pae yuwã shutani, e e e e, e e e e
Xinã metsi sipatã, e e e e, e e e e
Nika duku inipe, e e e e, e e e e





Jibóia chama o povo branco
Tocos em cima do lombo subindo
No lombo gritando pensamento
Firmando
Você gritando

Vem chegando
Trazendo folha da miração
No lombo vem chegando a força
Chegando
Jibóia povo mulher
Você gritando
No lombo cantando
Pensamento firmeza
Escutando profundo
Força
Jibóia povo Mulher
Você gritando
No lombo cantando
Pensamento firmeza
Escutando profundo
Força



SEMINÁRIO E OFICINAS

A exposição ¡MIRA! – Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas contou com a participação de artistas indígenas do Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Durante a semana de abertura da exposição, houve um seminário que reuniu artistas e professores para discutir temas relacionados à produção e circulação das artes indígenas no mundo contemporâneo. Os debates envolveram assuntos sobre “a arte de curar e conhecer”, “arte como transformação”, “experiência criativa nas comunidades indígenas”, “arte, colonialismo e violência”, “cinema, resitência e criação”, “a questão da autoria”, “sonhar, imaginar, mirar”. Os artistas também ministraram, numa maloca construída no pátio interno do CCult, oficinas de escultura, tururi (tela de entrecasca de árvore), pintura e bordado.

Durante a semana, nessas oficinas, o artista boliviano Dennys Huanca coordenou a criação de um mural coletivo de 8,30 x 1,85 metros, em que todos os artistas presentes fizeram intervenções e que continuará em exposição na Reitoria. O boliviano Flávio Ochoa, em sua oficina, produziu com os alunos duas esculturas em pedra sabão, que também foram doadas à universidade. Na oficina de Francisco, Rosa e Francisnei, da etnia Tikuna, que vive próxima ao município de Tabatinga, no Amazonas, os artistas mostraram como é feita a tela natural – tururi ou llanchama - produzida a partir da casca de uma árvore amazônica. No final da oficina, Francisnei demonstrou o uso da tela com tintas naturais extraídas de plantas e sementes da região onde eles vivem. Na confecção da tela há todo um processo que vem sendo transmitido de geração a geração.

Essa confluência de informações, imagens e saberes encontra lugar no Guaicurus, um veículo do programa de extensão Muitas Culturas no Centro, que tem por finalidade desenvolver uma ideia e um caminho da arte como conhecimento, diferente da valorização exclusiva do conhecimento científico, ou melhor, na tentativa de efetivar a natural aliança entre ciência e arte.



do

Nossa vida americana está marcada pela violência da colonização e suas consequências. Desde a chegada dos europeus, muitos povos nativos foram exterminados, escravizados, silenciados, deslocados e humilhados em lutas desiguais e pela falta de diálogo.

Na passagem para o século XX, a extração do látex do caucho e da seringueira, para a produção da borracha, provocou uma traumática onda de sofrimento: numerosos habitantes da região amazônica foram explorados e submetidos à servidão.

Na década de 1980, mais aflições e mortes atingiram milhares de indígenas e camponeses peruanos, afetados pela guerra civil instaurada com a reação governamental ao Sendero Luminoso e ao Movimento Revolucionário Tupac Amaru.

As marcas da violência e da dor imprimiram-se no corpo, na experiência e na criação dos povos das Américas.



Seminário ¡Mira! - Bordados pela Paz







A leitura do texto teatral, de autoria de João das Neves, marca o lançamento de Yuraiá: O Rio do Nosso Corpo como o projeto do Centro Cultural UFMG. Realizado em parceria com a Associação Campo das Vertentes, terá como eixo central a montagem e apresentação do espetáculo homônimo que levará pela primeira vez, aos palcos brasileiros, a saga da nação Kaxinawá. A proposta prevê a construção de um Kupixawa – moradia coletiva – que abrigará a encenação e atividades complementares como oficinas, filmes e exposições iconográficas. Congregando público e artistas, índios e não índios, profissionais e aprendizes de diversos ofícios necessários ao desenvolvimento das artes, irá suscitar a compreensão profunda da biodiversidade: a diferença irreduzível entre os seres podendo ser suplantada pela poesia.

YURAIÁ

o rio do nosso corpo

“Considero excepcional a qualidade desta peça. João das Neves tem a arte de por em cena o real, com seus personagens surreais: o dia a dia dos seringueiros Kaxinawá mais tudo o que o perpassa, o mito, a caçuma, a sedução, a luta. É difícil encontrar uma descrição menos piegas e mais fiel do que é ser índio no Brasil hoje.”

Manuela Carneiro da Cunha, antropóloga

MÚSICA DE INVENÇÃO, EXPERIMENTAL E IMPROVISADA

A série de concertos Música de Invenção, experimental e improvisada (MIEI) no seu primeiro semestre de existência, fez ressoar e e(s)coar uma demanda represada na cidade de Belo Horizonte: um espaço para a música experimental, inventiva e para a improvisação musical livre. Com a perspectiva da curadoria como uma ação em educação estética, a partilha de experiências de escuta e produção acústica, iniciou um projeto maior de formação de um público e de vinculação do Centro Cultural da UFMG a essas propostas musicais.

A soprano alemã Frauke Aulbert, nome constante em festivais de música contemporânea na Europa, fez o primeiro concerto da série, junto com o grupo brasileiro de música contemporânea SCHLAG! cujo repertório enfatiza questões como gestualidade, a forma aberta e o uso de eletrônica e multimeios. O grupo é formado pelos músicos Alice Belém, Paulo Dantas, Charles Augusto e Matthias Koole. A apresentação contou ainda com a presença do compositor Jean-Pierre Caron que teve sua peça Poemas para Voz, Piano, Guitarra, Percussão e Eletrônica.

No segundo concerto da série, tivemos a apresentação do flautista alemão Erik Drescher que tem se notabilizado pela técnica, ousadia, versatilidade e domínio do repertório e linguagem da música contemporânea. Esses diferenciais o

colocam como um dos jovens flautistas mais atuantes e para quem compositores destacados do cenário europeu têm escrito e trabalhado conjuntamente para estreia de obras e experimentos específicos na flauta. Para essa apresentação trouxe um repertório de músicas recentemente compostas, incluindo músicas nunca antes tocadas no Brasil, para a flauta glissando, instrumento de bocal móvel que permite deslizamentos melódicos com versatilidade. No terceiro mês, Mario Del Nunzio, guitarrista e compositor paulistano, interpretou três peças musicais de sua autoria, abordando a questão do duplo. Mário dedica-se a vertentes experimentais da produção musical, à pesquisa de técnicas instrumentais expandidas, ao uso de eletrônica ao vivo e à relação corpo/instrumento na música contemporânea.

Na quarta e última apresentação do primeiro semestre de 2013, a série trouxe o compositor Felipe José e o Coletivo D'Istante. Felipe José é multinstrumentista e realiza no Centro Cultural da UFMG um projeto de residência artística para a realização do jogo musical do compositor americano John Zorn, o COBRA. O Coletivo D'Istante é o Projeto Musical, Interpessoal, de Pesquisa, Imersão e sobretudo Projeto de Vida, a reunião de pessoas interessadas numa prática musical mais espontânea, menos condicionada às convenções estabelecidas e mais disposta ao inesperado.

Henrique Iwao - curador da série
Marco Scarassatti - curador de música do Centro Cultural UFMG

CENA ABERTA

O projeto Cena Aberta propõe abrigar a demanda de projetos de pesquisa e experimentação artística voltados para as áreas de dança, performance e teatro. Anualmente, por meio de edital, são selecionados grupos da cidade de Belo Horizonte para desenvolver suas atividades nos espaços do Centro Cultural UFMG.

LIO Coletivo



foto: Ricardo Lobato
Invasão

Lio é um coletivo de artistas de formação multidisciplinar que trabalha colaborativamente na criação de projetos de diversas naturezas. Prezamos pela transversalidade entre as expressões artísticas (performance, dança, música, teatro, artes plásticas e audiovisual). Atualmente, o coletivo é formado por: Clarisse Gomes, Claudia Auharek, Eliatrice Gischewski, João Marcelo Emediato, Maíra Campos, Pedro Amorim, Rodrigo Antero e Carlos Queiroz, além da participação eventual de convidados.

Dessa forma, experimentamos criações coletivas em diversos formatos, contando com as competências singulares de cada integrante e também de outros colaboradores, de acordo com as especificidades de cada criação. Os integrantes do coletivo

têm formações variadas e se interessam por conexões entre os diferentes campos e fazeres artísticos. O projeto Antologia da Árvore, selecionado pelo programa Cena Aberta, consiste na realização de uma série de intervenções performáticas que se relacionam através da imagem central da árvore. Todas essas ações suscitam desdobramentos e reflexões sobre urbanização, convivência, relações entre homem e natureza, tensões entre público e privado, entre outros temas. As ações levantam também questões práticas sobre a concepção de trabalhos artísticos site specific, na medida em que dialogam diretamente com o ambiente em que acontecem. As praças e ruas escolhidas para a realização das ações representam focos com alto fluxo de pessoas, além de possuírem particularidades que instigam as intervenções. Duas das cinco ações previstas já foram realizadas no começo deste ano, além de uma oficina gratuita realizada dentro do Centro Cultural. Até o final do ano, ainda realizaremos mais três performances em espaços público, assim como mais uma oficina gratuita e um debate sobre performance e intervenção urbana.

dobra GUAICURUS

A floresta, a cordilheira, o deserto, a savana, são ambientes inóspitos para alguns, mas acolhedores para quem os leva no corpo. Quando se parte dali em busca de melhores condições de vida, ficam como emblema. A experiência moderna da arte é a que mais se aproxima desse exílio.

De modo irreversível, mergulhamos nas distâncias, mas linguagens e mídias reconstituem o fluxo, permitem o trânsito rápido e de mão dupla: ninguém se encontra paralisado na paisagem. Admiráveis, imagens, objetos e palavras vêm compor o cenário de nossa cidade.

Brasil.

País engraçado, lustrado.
Versos banidos em exílio.
Silêncio velado.
Vácuo militar.

Terceirizado novo serviço.
New Pobre.
Qual sua procedência?
O que é você?

Quem somos nós?

Fruta Mista
agosto de 2013

AMORDAÇADO

Portas entreabertas
janelas do caos
nas configurações ofuscantes
que um dia pode apresentar...
Aflições!
Incoerências!
Frustração!
Frustrações!
No grau máximo
de tal limite humano...
Insatisfeito perante alguns atos.
Insatisfeito perante algumas realidades.
Prossigo gritando amordaçado.

Allysson Gudu.







Centro Cultural UFMG

Direção: Maria Inês de Almeida e Marcus Queiroz Ferreira

Secretaria: Geraldo Ribeiro de Oliveira

Setor financeiro: Vera Lúcia Magalhães e Marcos Domingos. de Oliveira Araújo

Conselho Diretor

Cid Veloso

Eduardo Fleury Mortimer

Francisco Carlos de Carvalho Marinho

Irene Patrícia Ribeiro

Jacyntho José Lins Brandão

João Gabriel Marques Fonseca

Maria Inês de Almeida

Sônia Maria de Melo Queiroz

Conselho Curador

Gabriela Córdova Christófaró

Marcos Antônio Alexandre

Marcos Cesar de Senna Hill

Marco Antonio Farias Scarassatti

Maria Inês de Almeida

René Lommez Gomes

Coordenações de projetos

Oficina para Todos: Cida Spínula

Circuito Cultural Pça da Estação: **Alice Melo**

Museu Vivo da Memória Gráfica: Ana Utsch

CineCentro: **Irene Patrícia Ribeiro**

Festival de Verão: Lúcia Castello Branco

MIRA - Artes visuais contemporâneas dos povos indígenas: **Maria Inês de Almeida**

Música de Invenção, Experimental e Improvisada: Marco Scarassati

Atelier Aberto: **Marcos Hill**

Música e Poesia: Marcos Alexandre

Cena Aberta: **Marcos Alexandre**

Galerias: Irene Patrícia Ribeiro

Congá: **Jarbas Eustáquio Cardoso**

Memória Feita à Mão: Luciane Borges

Yuraiá - O Rio do nosso Corpo: **João das Neves**

Produção: Marcus Queiroz Ferreira, Fabrício Fábrega de Oliveira, Ana Cristina Mendes, José Justino Filho

Almoxarifado: Helton Affonso de Mello

Monitorias

Allyson Gudu / **museologia**

Augusto Hendricus Vossenaar / **artes visuais**

Caroline Oliveira Carvalho / **arquitetura e urbanismo**

Fábio de Oliveira Martins / **artes visuais**

Helaine Alves de Freitas / **teatro**

Juliana Soares Barreto / **design de moda**

Laila Maria Oliveira Silva / **letras**

Lívia Tolentino Amorim / **artes visuais**

Marcos Martins Ribeiro Jr / **ciências sociais**

Marília Burza Gomes Dupin / **design de moda**

Pedro Henrique Saldanha / **artes visuais**

Sarah Bernardo Souza Almeida - **conservação e restauração de bens culturais móveis**

Thaís Alvim Victorino / **ciências sociais**

Viviane Patrícia Fontana Goulart / **turismo**

Guaicurus 2 - Centro Cultural UFMG

edição e redação

Allysson Gudu
André Melo Mimiza
Augusto Vossenaar
João Miranda
Marcos Martins
Paola Braga

projeto gráfico e diagramação

Augusto Vossenaar

fotografias seminário e exposição jmiral

Pedro Henrique Saldanha

capa / ilustração das páginas g e h

Augusto Vossenaar

imagem das páginas s e t

Santiago Yahuarcani
El corazón de los varones del caucho

ilustração da página v

Victor Galvão

fotografia da página x

Renan Bolcont

fotografia da página y / da série diário & postais

Sara Ramos

fotografia da página z

Randolpho Lamonier

concepção e realização da entrevista

Marcos Martins

impressão: Imprensa Universitária UFMG / 2013

Guaicurus 2

CCULT UFMG
www.ufmg.br/centrocultural